

Conferência «Resistência política e gênero na narrativa latino-americana contemporânea», por Claudia Caimi

«Resistência política e gênero na narrativa latino-americana contemporânea» é o título da conferência que Claudia Caimi (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) proferirá na próxima quarta-feira (25 de Março), às 18h, na sala T1 (Torre B da FCSH-UNL).

Claudia Luiza Caimi é professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Brasil, sendo especialista em Teoria da Literatura. É licenciada em Letras pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (1984), mestre em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1991) e doutoramento em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001).

Grande parte dos livros de memória ou literários que abordam as ditaduras militares, dos anos 70, no continente americano, são escritos por homens, ou abordam a participação na luta e resistência de um ponto de vista de ausência de gênero, tornando invisível a participação e o gesto feminino neste contexto de violência e trauma. Esta reflexão reúne dois livros, um de memória e um literário, que colocam a mulher como protagonista da ação, da memória e da experiência política. Busca as vicissitudes dessas narrativas e as formas de comportamento que a experiência militante produziu e significou para as mulheres.

Volto semana que vem é uma obra de ficção autobiográfica em que a autora gaúcha, Maria Pilla, constrói uma narrativa fragmentada, baseada em sua história de vida e militância política, prisão e exílio em passagens por Porto Alegre, São Paulo, Cincinnati, Paris e Buenos Aires. Organizado por datas anacrônicas, os fragmentos saltam entre regiões e épocas diferentes, estabelecendo conexões espaciais e temporais para as muitas vidas interrompidas nas manifestações de intolerância política e violência que tomaram conta do Brasil e da América Latina entre os anos 50 e 90 do século XX. No fluxo descontínuo e desconcertante dessas memórias, há episódios dos distúrbios ocorridos em Porto Alegre quando da morte do ex-presidente Getúlio Vargas, das lutas estudantis dos anos 1960, do golpe militar no Brasil, das ditaduras brasileira e argentina, do governo chileno de Salvador Allende, da vida de uma militante em dois presídios argentinos, do exílio na França e da volta ao Brasil. Entre a memória pessoal e colectiva apresenta-se no texto de Pilla uma figuração de gênero nos actos de memória e transmissão de um período de violência de estado em que o corpo e os gestos manifestam a circunstância traumática em marcas que são traços da participação das mulheres na resistência. No seu texto, o cotidiano, o efêmero, as relações e os afectos estão conectados ao poder, à violência e à resistência, numa função de conservação da memória de acontecimentos “insignificantes” que permitem colocar em cheque o “projecto de verdade” dos modelos da razão que deixaram como pano de fundo e imprecisão de cenário outras maneiras de estar no contexto político.

Sob o ponto de vista de uma narradora, *Jamais o fogo nunca* (2007), de Diamela Eltit, mostra o papel secundário dado às mulheres dentro das organizações de esquerda. Trata-se do monólogo de uma mulher que vive confinada com seu marido num quarto e se dirige a ele, com quem compartilhou um passado de militância clandestina, relembrando momentos dessa luta. Conforme vamos descobrindo no monólogo da narradora, na juventude, o casal fazia parte de uma ‘célula’ clandestina, que lutava contra a ditadura de Pinochet. Eltit se interessa muito mais pelo impacto emocional de cada pequeno acontecimento do que por seu desenrolar efectivo, faz uma narrativa fragmentada, em que o corpo da narradora é constantemente invadido e seu espaço de existência cerceado. O tempo é entrecortado e a narradora tem lapsos de memória, contando pedaços de uma longa história como pequenos cacos que obrigam o leitor a montar

um mosaico. As peças não se encaixam, porque as lembranças são fluídas e os dramas vividos por aquela mulher se sobrepõem em meio a suas paranóias, construídas lentamente no claustro do pequeno cómodo que supostamente habita. Diamela Eltit, põe em cena o debate dos rígidos princípios da organização de resistência, que condena fortemente os desejos individuais, especialmente o consumo, como desvios do caminho revolucionário e o direito da mulher de decidir sobre seu próprio corpo e desejo, descortinando que a resistência e o desejo de liberdade da luta política nem sempre liberta as mulheres do jugo a que historicamente estão submetidas.

A iniciativa é organizada pelo CHAM-Centro de Humanidades (NOVA FCSH e UAc) e pelo Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos (NOVA FCSH). A entrada é livre.